

Estratégias regionais de produção jornalística: uma proposta ao estudo de casos de mídia impressa no Paraná¹

Estrategias regionales de producción periodística: una propuesta al estudio de casos de los medios impresos en Paraná

Regional strategies of journalistic production: a proposal to study cases of print media in Paraná

Rafael Schoenherr

Professor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Graduado em Jornalismo pela UEPG, mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos e doutorando em Gestão do Território pela UEPG.
Contato: rafaelschoenherr@gmail.com

Sérgio Luiz Gadini

Graduado em Jornalismo, doutor em Comunicação pela Unisinos. Professor do Mestrado em Jornalismo da UEPG.
Contato: slgadini@uepg.br

Artigo enviado em 09/03/2016

Aprovado em 01/07/2016

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no encontro 2013 da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), realizado entre 6 e 8/11/2013, na Universidade de Brasília (UnB), no Distrito Federal.



Resumo

O artigo debate uma chave de leitura ao fenômeno do jornalismo regional em cenários globais de transformação, a partir de evidências de produções jornalísticas impressas no estado do Paraná. O levantamento empírico envolve 11 casos de produção de mídia regional impressa. Inferências das produções indicam desafios à compreensão e ao reconhecimento das estratégias regionais do jornalismo. Sustenta-se, no texto, a regionalidade a partir de quatro desdobramentos: como circulação, território, tema e modo de produção. Nas conclusões, sugere-se o cruzamento dessa percepção à localização dos produtos em relação aos capitais econômicos e culturais como apreensão dos tensionamentos globais, regionais e locais no jornalismo.

Palavras-chave: mídia regional. Globalização. Imprensa paranaense. Produção jornalística.

Resumen

El artículo discute una clave de lectura para el fenómeno del periodismo regional en escenarios globales de transformación, desde la evidencia impresa producciones periodísticas en el estado de Paraná. La encuesta empírica implica 11 casos de producción de medios de impresión regional. Inferencias Producciones indican desafíos a la comprensión y el reconocimiento de las estrategias regionales de periodismo. Se argumenta en el texto, la regionalidad de cuatro desarrollos: como la circulación, el territorio, el tema y el modo de producción. Las conclusiones sugieren que el cruce de esta percepción de la ubicación de los productos en relación con el capital económico y cultural como la incautación de las tensiones globales, regionales y locales de periodismo.

Palabras clave: medios de comunicación regionales. Globalización. Prensa paranaense. Producción periodística.

Abstract

The article discusses a reading key to the regional journalism phenomenon in global transformation scenarios, from evidence printed journalistic productions in the state of Paraná. The empirical survey involves 11 cases of regional print media production. Inferences Productions indicate challenges to understanding and recognition of regional journalism strategies. It is argued in the text, the regionality from four developments: as circulation, territory, theme and mode of production. The conclusions suggest the crossing of this perception of the location of the products in regard to economic and cultural capital as seizure of global, regional and local journalism tensions.

Keywords: regional media. Globalization. Parana press. Journalistic production.

Em busca de múltiplas regionalidades no jornalismo

*“Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço”
Michel de Certeau*

Este artigo pretende organizar orientações metodológicas para o estudo das realidades regionais do jornalismo. Trata-se de um encaminhamento a partir de dados preliminares levantados sobre um conjunto de produções situadas no estado do Paraná². O intuito é de que a reflexão possibilite ou sugira redirecionamentos na continuidade de estudos de casos específicos sobre estratégias regionais de produção jornalística. De modo geral, a fase é de problematização para a pesquisa.

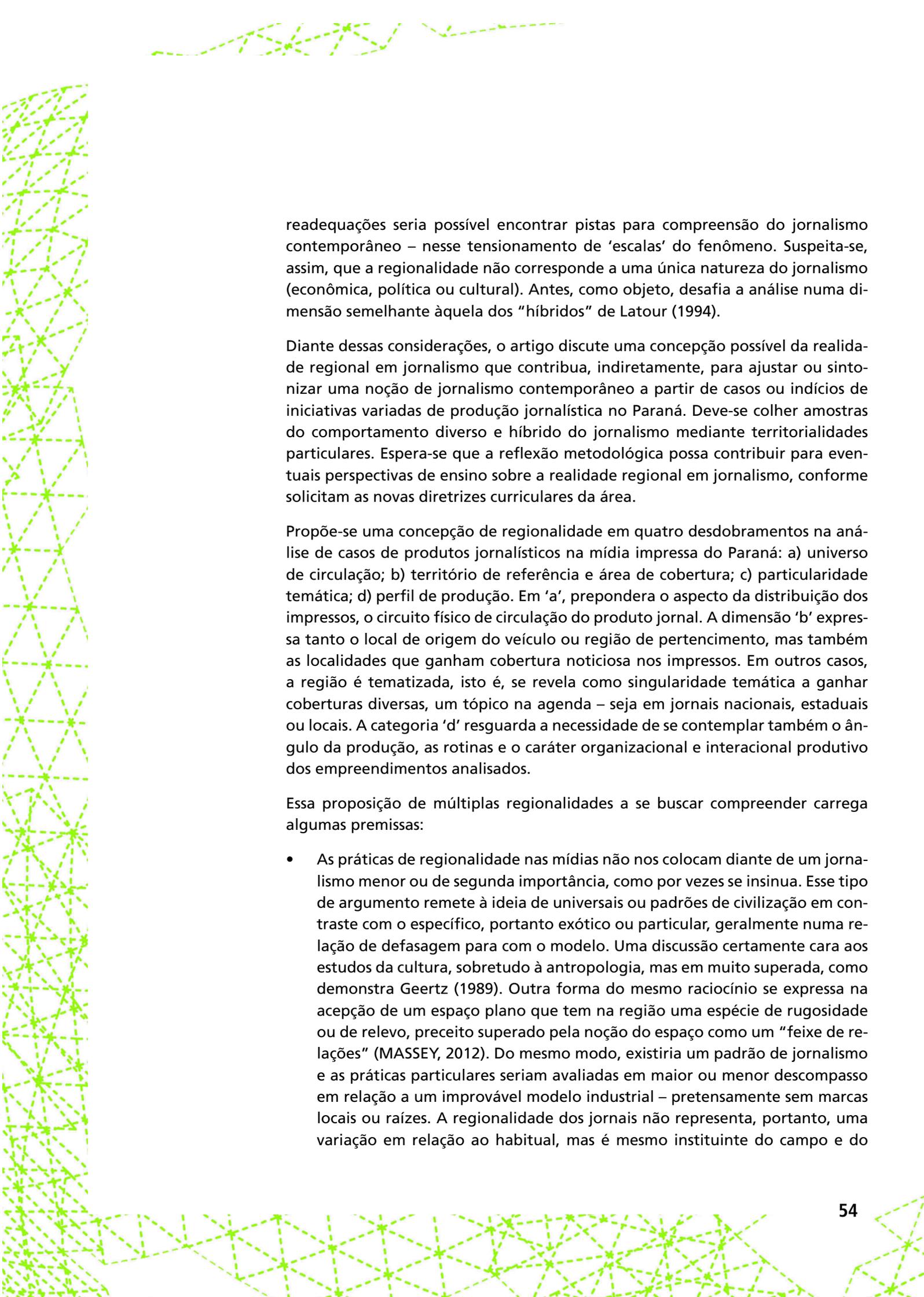
Se o debate sobre realidades regionais midiáticas já esteve mais confinada ou restrita a interesses definidos de pesquisa, as crises globais que atingem as instituições jornalísticas parecem ter realçado os fenômenos regionais do jornalismo a um posto de maior atenção pública e expectativas não só acadêmica, mas também da classe profissional. Assim as regionalidades vão aparecer, em diferentes prognósticos, ora como (contra) exemplo a ser seguido pelos modelos industriais de produção noticiosa, ora como demanda informativa a ser explorada, campo de atuação, entre outras perspectivas.

Por mais frágeis e de difícil comprovação que sejam tais expectativas, elas parecem alimentar uma ideia relevante de fundo – esta sim sujeita aos crivos da investigação: as realidades culturais e comunicacionais regionais (também as jornalísticas, portanto) não transitam nem em sentido oposto à globalização nem no seu exato e mesmo sentido. Ou seja, rejeita-se pensar o jornalismo regional como reflexo direto da globalização, uma simples correspondência ou redução microescalar da globalidade, tal como em uma maquete. Ao mesmo tempo, as realidades regionais não se encontram isentas dos fluxos globais e não garantem de antemão, a qualquer analista, uma contraposição à ordem global.

Prognósticos e dossiês sobre o futuro das mídias sugerem muito mais que o campo de jogo ou de manobra do jornalismo contemporâneo frente aos cenários de crise global que reside em outro lugar – a saber, nos interstícios multi-escalares, no espaço multiforme, ou nas combinações complexas de instâncias de ação global, nacional, regional e local. O global, o nacional e o regional, por vezes, funcionam como níveis ou camadas de um mesmo produto jornalístico, diferentes ofertas de sua agenda noticiosa. Mas também cada um desses patamares pode ser compreendido como tipo de produto ou nicho de atuação, na relação de consumo pretendida. Além de outras variações permitidas por esse raciocínio ainda tentativo, provocadas, em alguma medida, pelos recorrentes questionamentos das práticas e iniciativas jornalísticas em contextos de crise global.

Neste sentido, o estudo aqui apresentado aposta que a globalização produz encaixes no campo das intermediações simbólicas do espaço público. E nessas

² Os levantamentos empíricos que subsidiaram a presente reflexão foram realizados, de março a junho de 2013, pelos estudantes da disciplina de Realidade Regional em Comunicação, no terceiro ano do curso de Jornalismo da UEPG, aqui nominados: Temitope Jane Aransiola, Ana Paula Schreider, André Packer dos Santos, Angélica Szeremeta, Anna Flávia Maluf, Antonio Fernando Correia Junior, Camila Gonçalves Higachi, Camila Silva Gasparini, Caroline Belini Telles, Cássia Leticia Miranda Rodrigues, Daian Lana Ribeiro Cruz, Eder Augusto Spachi Traskini, Edgar Moisés Taques Ribas Filho, Gustavo Maluf Dornelles, Héllen Andreia da Silva Bezerra, Higor Henrique de Lima, Karina Chichanoski, Laísa Fernanda Brigantini, Lucas Eduardo Avila de Matos, Luiza Siqueira Stemmler, Luiza Slavieiro, Mathes Henrique de Lara, Nicolay da Silva França, Raphael Giercz da Motta, Roseli Spinardo Marcondes Stepurski, Rubens Chiocha Anater, Thainá da Rosa Kedzierski, Thais Belluzzo, Yago Raphael Massuqueto Rocha.



readequações seria possível encontrar pistas para compreensão do jornalismo contemporâneo – nesse tensionamento de ‘escalas’ do fenômeno. Suspeita-se, assim, que a regionalidade não corresponde a uma única natureza do jornalismo (econômica, política ou cultural). Antes, como objeto, desafia a análise numa dimensão semelhante àquela dos “híbridos” de Latour (1994).

Diante dessas considerações, o artigo discute uma concepção possível da realidade regional em jornalismo que contribua, indiretamente, para ajustar ou sintonizar uma noção de jornalismo contemporâneo a partir de casos ou indícios de iniciativas variadas de produção jornalística no Paraná. Deve-se colher amostras do comportamento diverso e híbrido do jornalismo mediante territorialidades particulares. Espera-se que a reflexão metodológica possa contribuir para eventuais perspectivas de ensino sobre a realidade regional em jornalismo, conforme solicitam as novas diretrizes curriculares da área.

Propõe-se uma concepção de regionalidade em quatro desdobramentos na análise de casos de produtos jornalísticos na mídia impressa do Paraná: a) universo de circulação; b) território de referência e área de cobertura; c) particularidade temática; d) perfil de produção. Em ‘a’, prepondera o aspecto da distribuição dos impressos, o circuito físico de circulação do produto jornal. A dimensão ‘b’ expressa tanto o local de origem do veículo ou região de pertencimento, mas também as localidades que ganham cobertura noticiosa nos impressos. Em outros casos, a região é tematizada, isto é, se revela como singularidade temática a ganhar coberturas diversas, um tópico na agenda – seja em jornais nacionais, estaduais ou locais. A categoria ‘d’ resguarda a necessidade de se contemplar também o ângulo da produção, as rotinas e o caráter organizacional e interacional produtivo dos empreendimentos analisados.

Essa proposição de múltiplas regionalidades a se buscar compreender carrega algumas premissas:

- As práticas de regionalidade nas mídias não nos colocam diante de um jornalismo menor ou de segunda importância, como por vezes se insinua. Esse tipo de argumento remete à ideia de universais ou padrões de civilização em contraste com o específico, portanto exótico ou particular, geralmente numa relação de defasagem para com o modelo. Uma discussão certamente cara aos estudos da cultura, sobretudo à antropologia, mas em muito superada, como demonstra Geertz (1989). Outra forma do mesmo raciocínio se expressa na acepção de um espaço plano que tem na região uma espécie de rugosidade ou de relevo, preceito superado pela noção do espaço como um “feixe de relações” (MASSEY, 2012). Do mesmo modo, existiria um padrão de jornalismo e as práticas particulares seriam avaliadas em maior ou menor descompasso em relação a um improvável modelo industrial – pretensamente sem marcas locais ou raízes. A regionalidade dos jornais não representa, portanto, uma variação em relação ao habitual, mas é mesmo instituinte do campo e do

3 A esse respeito, ver a crítica de Lima (2009), conforme texto publicado no *Observatório da Imprensa* (<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/onde-circulam-quem-os-le/>)

mercado jornalístico. Caso contrário, se incorreria no erro de acreditar que produções ditas nacionais não possuem entrelaçamentos e limites territoriais definidos de atuação³ – nesse sentido, a imprensa paulista também pode ser lida como jornalismo regional, vale dizer, a depender do olhar.

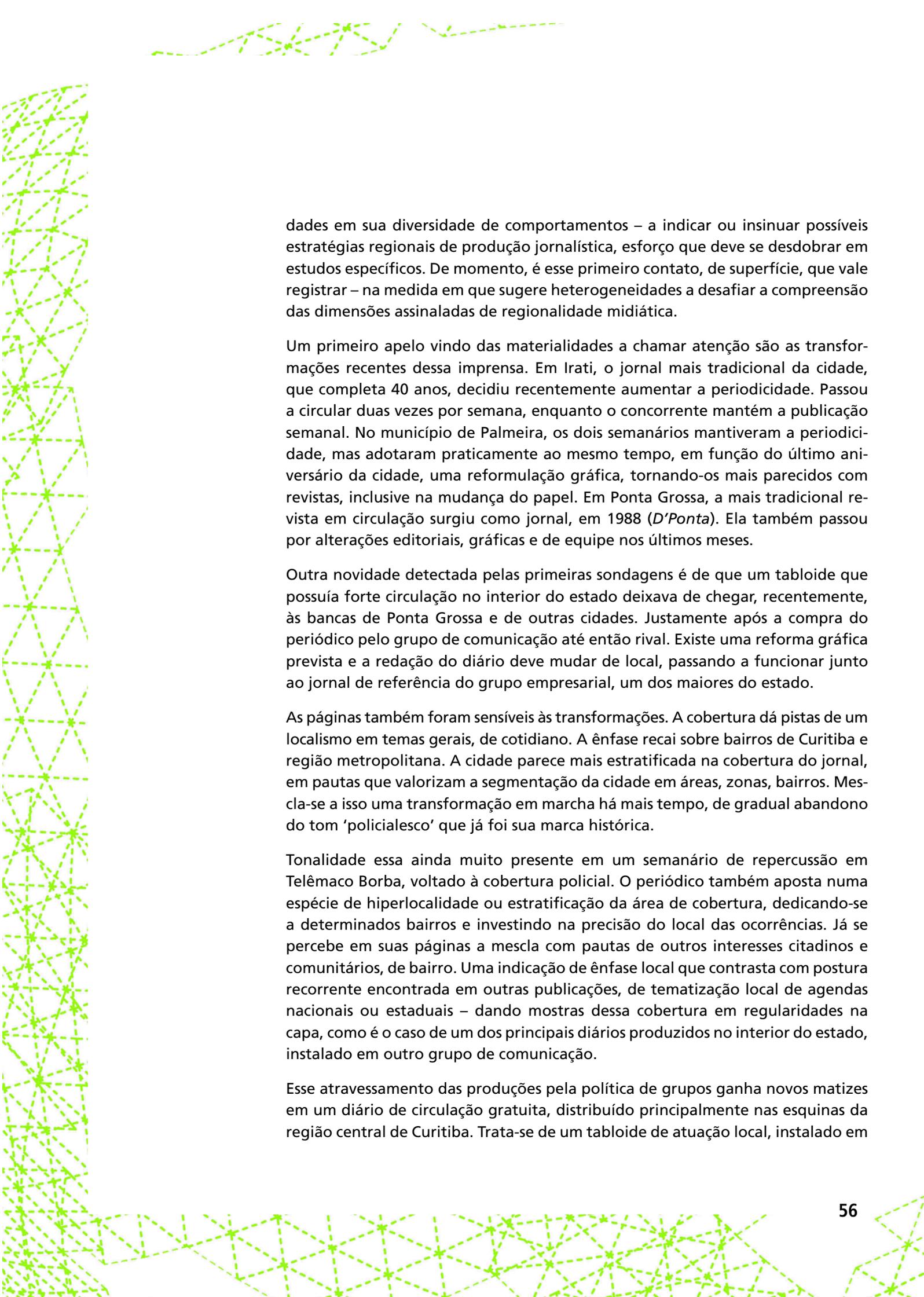
- O jornalismo regional é um universo empírico ainda pouco conhecido, quando não assumidamente ignorado em detrimento de ‘grandes jornais’ ou de poucas revistas – sintoma da separação já anunciada na premissa anterior de ‘grande jornalismo x pequeno jornalismo’. Em geral, assume-se também em certos estudos o regional como território de pertencimento (a imprensa catarinense, paranaense, ponta-grossense). Ângulo válido, aliás, que não exclui outras abordagens virtualmente complementares do fenômeno, tal como os mapeamentos de mídia regional que já ocorrem.
- A variável econômica (pequenas e médias empresas) não explica por si as regionalidades em ação no jornalismo, nem o binômio grande mídia *versus* mídia alternativa e independente. A história de ícones da cultura *mainstream* demonstra, recentemente, o quanto há de negociação regional em formas mundializadas, tal como as salas multiplex de cinema (MARTEL, 2012) – numa espécie de atualização ou revisita das concepções do popular-massivo (MARTÍN-BARBERO, 1987).
- O regional do jornalismo não se apreende apenas pelo conteúdo ou pelas intenções reveladas dos autores. Significa extrapolar a noção de que os jornais representam o espaço e pensar que eles, ao assim fazer, também o praticam. Existem estratégias que precisam ser reconhecidas, ao lado das táticas. Assim como os relatos cotidianos orais sobre os deslocamentos, é possível pensar que também as páginas dos jornais acionam o espaço:

Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um ‘suplemento’ aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transportá-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam (CERTEAU, 1999, p. 200).

Apresentados os objetivos e as premissas que orientam a reflexão, cabe inferir agora sinalizações de realidades regionais que atravessam diferentes produções jornalísticas de interesse e se configuram como desafios para futuras análises.

Inferências de superfície em situações do jornalismo paranaense

Navegar pela superfície de certas produções jornalísticas do Paraná ou casos determinados foi a forma encontrada para um primeiro contato com as material-



dades em sua diversidade de comportamentos – a indicar ou insinuar possíveis estratégias regionais de produção jornalística, esforço que deve se desdobrar em estudos específicos. De momento, é esse primeiro contato, de superfície, que vale registrar – na medida em que sugere heterogeneidades a desafiar a compreensão das dimensões assinaladas de regionalidade midiática.

Um primeiro apelo vindo das materialidades a chamar atenção são as transformações recentes dessa imprensa. Em Irati, o jornal mais tradicional da cidade, que completa 40 anos, decidiu recentemente aumentar a periodicidade. Passou a circular duas vezes por semana, enquanto o concorrente mantém a publicação semanal. No município de Palmeira, os dois semanários mantiveram a periodicidade, mas adotaram praticamente ao mesmo tempo, em função do último aniversário da cidade, uma reformulação gráfica, tornando-os mais parecidos com revistas, inclusive na mudança do papel. Em Ponta Grossa, a mais tradicional revista em circulação surgiu como jornal, em 1988 (*D’Ponta*). Ela também passou por alterações editoriais, gráficas e de equipe nos últimos meses.

Outra novidade detectada pelas primeiras sondagens é de que um tabloide que possuía forte circulação no interior do estado deixava de chegar, recentemente, às bancas de Ponta Grossa e de outras cidades. Justamente após a compra do periódico pelo grupo de comunicação até então rival. Existe uma reforma gráfica prevista e a redação do diário deve mudar de local, passando a funcionar junto ao jornal de referência do grupo empresarial, um dos maiores do estado.

As páginas também foram sensíveis às transformações. A cobertura dá pistas de um localismo em temas gerais, de cotidiano. A ênfase recai sobre bairros de Curitiba e região metropolitana. A cidade parece mais estratificada na cobertura do jornal, em pautas que valorizam a segmentação da cidade em áreas, zonas, bairros. Mescla-se a isso uma transformação em marcha há mais tempo, de gradual abandono do tom ‘policialesco’ que já foi sua marca histórica.

Tonalidade essa ainda muito presente em um semanário de repercussão em Telêmaco Borba, voltado à cobertura policial. O periódico também aposta numa espécie de hiperlocalidade ou estratificação da área de cobertura, dedicando-se a determinados bairros e investindo na precisão do local das ocorrências. Já se percebe em suas páginas a mescla com pautas de outros interesses citadinos e comunitários, de bairro. Uma indicação de ênfase local que contrasta com postura recorrente encontrada em outras publicações, de tematização local de agendas nacionais ou estaduais – dando mostras dessa cobertura em regularidades na capa, como é o caso de um dos principais diários produzidos no interior do estado, instalado em outro grupo de comunicação.

Esse atravessamento das produções pela política de grupos ganha novos matizes em um diário de circulação gratuita, distribuído principalmente nas esquinas da região central de Curitiba. Trata-se de um tabloide de atuação local, instalado em

4 O jornal *Pracia* foi objeto de estudo do trabalho de conclusão de curso de Angélica Szeremeta, na UEPG, em 2014.

empresa transnacional que oferece a plataforma, a marca, a outras cidades do mundo e do Brasil, mas que chega a Curitiba pelas mãos de um grupo nacional de comunicação com operações regionais e que possui outras publicações e emisoras de rádio e TV. O conteúdo global e nacional é compartilhado, mas existe também produção local, numa espécie de jornalismo de redação ou de processamento de outros materiais informativos.

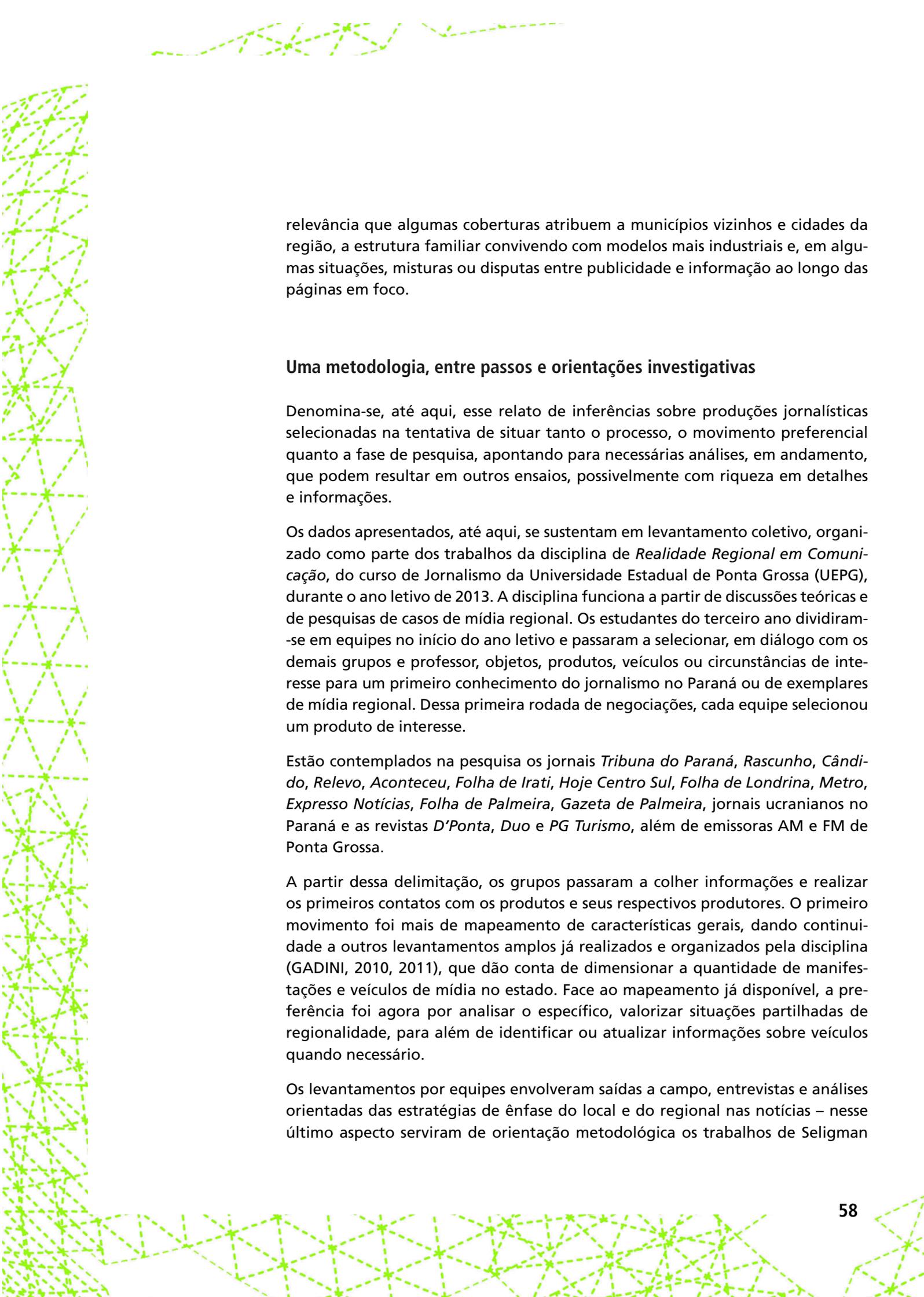
Essa estruturação encontrou por contraste limite o modo de fazer de um jornal étnico de Prudentópolis, voltado para a comunidade ucraniana e produzido em geral por descendentes de ucranianos. A gráfica é mantida de forma familiar e possui um verdadeiro acervo da história da comunicação, como as caixas de tipos móveis, além de máquinas impressoras de meados do século XX⁴. O jornal ali está integrado a uma cultura, a um 'modo total de vida' e remete a um artesanato comunicacional rico para o estudo do jornalismo – sem falar no histórico interesse da área pela imprensa de imigrantes para entender a cultura das cidades, como em Park (1973).

Nesse tipo de publicação não é rara a escrita colaborativa, a partir de párocos ou pessoas representativas da comunidade. Essa mesma variável ganha diferentes contornos em outras publicações. Em ao menos três revistas mensais que circulam em Ponta Grossa também se mapeou a forte presença de colaboradores, que aqui ganham a forma de colonistas. De algum modo, isso também acontece em jornal de São Mateus do Sul, que, aliás, enfatiza o pertencimento a uma comunidade religiosa – ainda que colocado como produção secular.

Essa geração de informação a partir de agentes 'externos' ao jornal se transforma em outro fenômeno quando se visualiza como as rádios do interior do estado reciclam ou reaproveitam os impressos como insumo produtivo. O consumo de determinados periódicos vira rotina de produção das rádios, uma espécie de "produção consumidora" (FERREIRA, 2010, p. 74), reterritorializando informações anteriormente circunscritas a outro espectro geográfico – redesenhando novamente a região, portanto.

A colaboração também se faz presente em outro tipo de indicação encontrada de regionalidade, que é o da segmentação cultural, sobretudo dos periódicos literários gratuitos. Um deles possui distribuição nacional dirigida e uma trajetória de mais de 10 anos. Outro jornal sobre literatura chega a todas as bibliotecas públicas do estado e está instalado justamente em um equipamento cultural estadual, que é a Biblioteca Pública do Paraná. Tem-se aqui uma circulação ampla atrelada a segmentos e estruturas particulares (mercado literário e aparelhos culturais). Ambos os jornais estão disponíveis, na íntegra, em sites na web.

A transição para plataforma online, aliás, mostrou-se tímida nos casos analisados até aqui. Cabe ainda assinalar, para encerrar esse momento de passeio breve pelas materialidades, que outras realidades partilhadas encontradas foram da



relevância que algumas coberturas atribuem a municípios vizinhos e cidades da região, a estrutura familiar convivendo com modelos mais industriais e, em algumas situações, misturas ou disputas entre publicidade e informação ao longo das páginas em foco.

Uma metodologia, entre passos e orientações investigativas

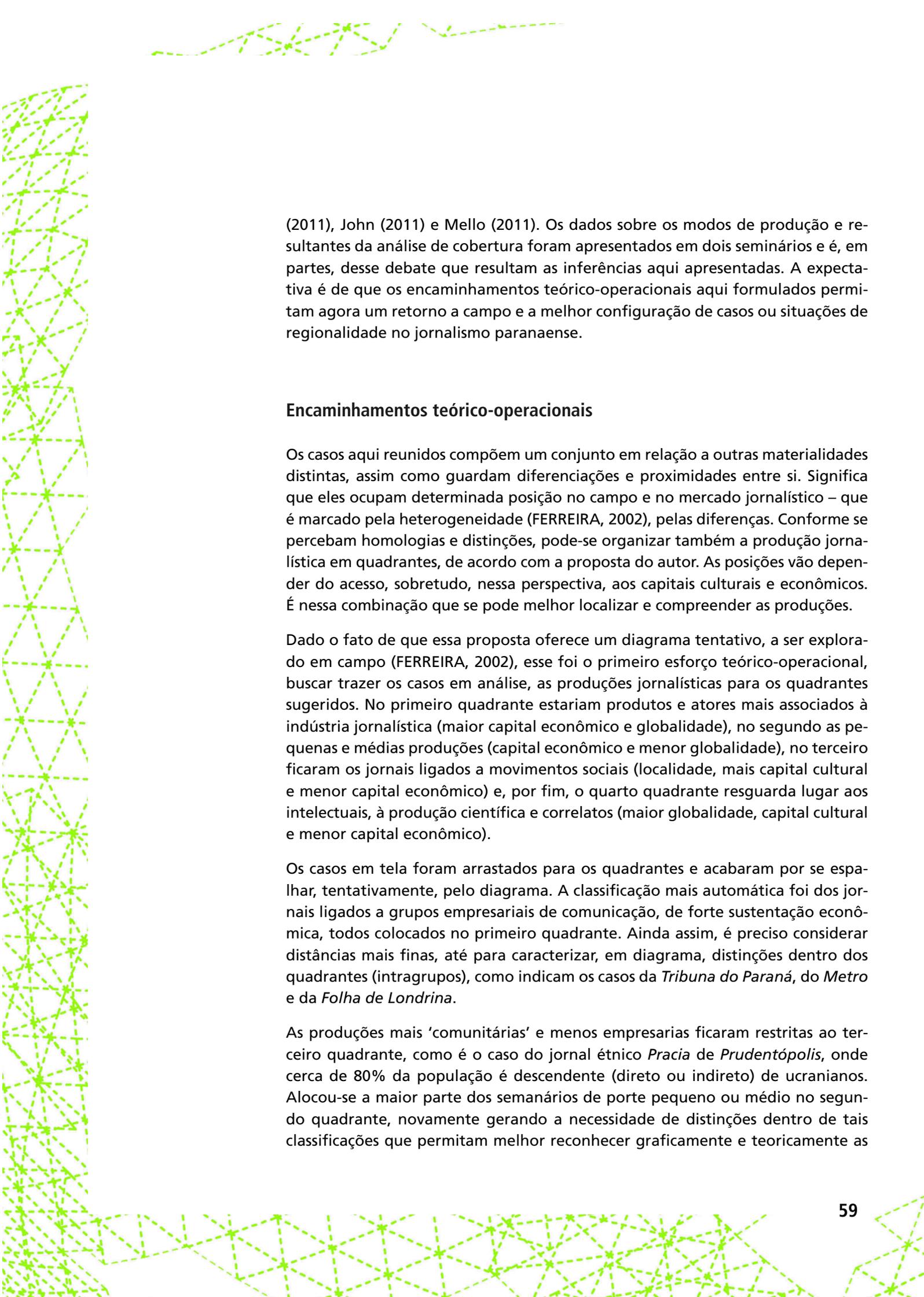
Denomina-se, até aqui, esse relato de inferências sobre produções jornalísticas selecionadas na tentativa de situar tanto o processo, o movimento preferencial quanto a fase de pesquisa, apontando para necessárias análises, em andamento, que podem resultar em outros ensaios, possivelmente com riqueza em detalhes e informações.

Os dados apresentados, até aqui, se sustentam em levantamento coletivo, organizado como parte dos trabalhos da disciplina de *Realidade Regional em Comunicação*, do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), durante o ano letivo de 2013. A disciplina funciona a partir de discussões teóricas e de pesquisas de casos de mídia regional. Os estudantes do terceiro ano dividiram-se em equipes no início do ano letivo e passaram a selecionar, em diálogo com os demais grupos e professor, objetos, produtos, veículos ou circunstâncias de interesse para um primeiro conhecimento do jornalismo no Paraná ou de exemplares de mídia regional. Dessa primeira rodada de negociações, cada equipe selecionou um produto de interesse.

Estão contemplados na pesquisa os jornais *Tribuna do Paraná*, *Rascunho*, *Cândido*, *Relevo*, *Aconteceu*, *Folha de Irati*, *Hoje Centro Sul*, *Folha de Londrina*, *Metro*, *Expresso Notícias*, *Folha de Palmeira*, *Gazeta de Palmeira*, jornais ucranianos no Paraná e as revistas *D’Ponta*, *Duo* e *PG Turismo*, além de emissoras AM e FM de Ponta Grossa.

A partir dessa delimitação, os grupos passaram a colher informações e realizar os primeiros contatos com os produtos e seus respectivos produtores. O primeiro movimento foi mais de mapeamento de características gerais, dando continuidade a outros levantamentos amplos já realizados e organizados pela disciplina (GADINI, 2010, 2011), que dão conta de dimensionar a quantidade de manifestações e veículos de mídia no estado. Face ao mapeamento já disponível, a preferência foi agora por analisar o específico, valorizar situações partilhadas de regionalidade, para além de identificar ou atualizar informações sobre veículos quando necessário.

Os levantamentos por equipes envolveram saídas a campo, entrevistas e análises orientadas das estratégias de ênfase do local e do regional nas notícias – nesse último aspecto serviram de orientação metodológica os trabalhos de Seligman



(2011), John (2011) e Mello (2011). Os dados sobre os modos de produção e resultantes da análise de cobertura foram apresentados em dois seminários e é, em partes, desse debate que resultam as inferências aqui apresentadas. A expectativa é de que os encaminhamentos teórico-operacionais aqui formulados permitam agora um retorno a campo e a melhor configuração de casos ou situações de regionalidade no jornalismo paranaense.

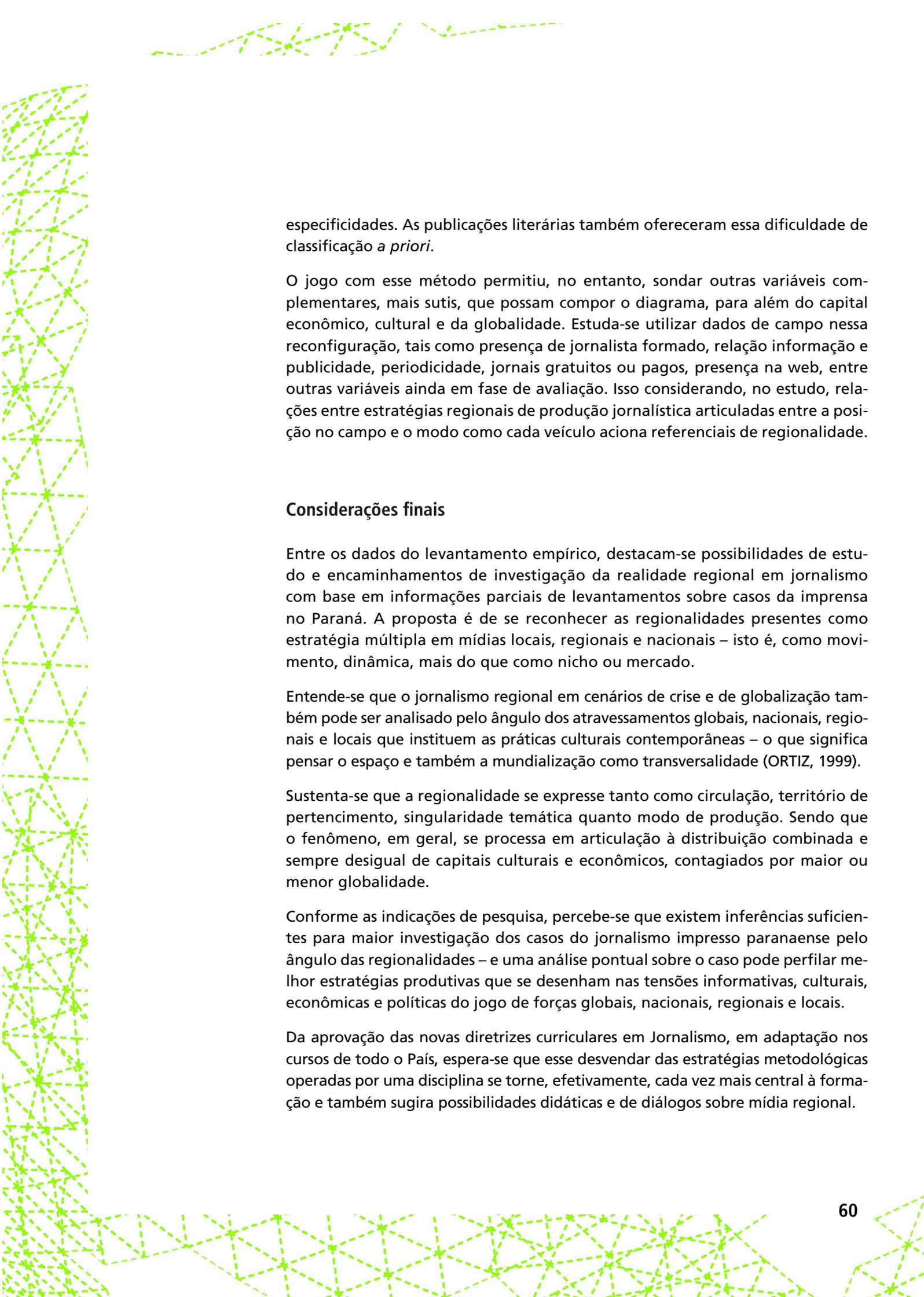
Encaminhamentos teórico-operacionais

Os casos aqui reunidos compõem um conjunto em relação a outras materialidades distintas, assim como guardam diferenciações e proximidades entre si. Significa que eles ocupam determinada posição no campo e no mercado jornalístico – que é marcado pela heterogeneidade (FERREIRA, 2002), pelas diferenças. Conforme se percebem homologias e distinções, pode-se organizar também a produção jornalística em quadrantes, de acordo com a proposta do autor. As posições vão depender do acesso, sobretudo, nessa perspectiva, aos capitais culturais e econômicos. É nessa combinação que se pode melhor localizar e compreender as produções.

Dado o fato de que essa proposta oferece um diagrama tentativo, a ser explorado em campo (FERREIRA, 2002), esse foi o primeiro esforço teórico-operacional, buscar trazer os casos em análise, as produções jornalísticas para os quadrantes sugeridos. No primeiro quadrante estariam produtos e atores mais associados à indústria jornalística (maior capital econômico e globalidade), no segundo as pequenas e médias produções (capital econômico e menor globalidade), no terceiro ficaram os jornais ligados a movimentos sociais (localidade, mais capital cultural e menor capital econômico) e, por fim, o quarto quadrante resguarda lugar aos intelectuais, à produção científica e correlatos (maior globalidade, capital cultural e menor capital econômico).

Os casos em tela foram arrastados para os quadrantes e acabaram por se espalhar, tentativamente, pelo diagrama. A classificação mais automática foi dos jornais ligados a grupos empresariais de comunicação, de forte sustentação econômica, todos colocados no primeiro quadrante. Ainda assim, é preciso considerar distâncias mais finas, até para caracterizar, em diagrama, distinções dentro dos quadrantes (intragrupos), como indicam os casos da *Tribuna do Paraná*, do *Metro* e da *Folha de Londrina*.

As produções mais 'comunitárias' e menos empresarias ficaram restritas ao terceiro quadrante, como é o caso do jornal étnico *Pracia* de *Prudentópolis*, onde cerca de 80% da população é descendente (direto ou indireto) de ucranianos. Alocou-se a maior parte dos semanários de porte pequeno ou médio no segundo quadrante, novamente gerando a necessidade de distinções dentro de tais classificações que permitam melhor reconhecer graficamente e teoricamente as



especificidades. As publicações literárias também ofereceram essa dificuldade de classificação *a priori*.

O jogo com esse método permitiu, no entanto, sondar outras variáveis complementares, mais sutis, que possam compor o diagrama, para além do capital econômico, cultural e da globalidade. Estuda-se utilizar dados de campo nessa reconfiguração, tais como presença de jornalista formado, relação informação e publicidade, periodicidade, jornais gratuitos ou pagos, presença na web, entre outras variáveis ainda em fase de avaliação. Isso considerando, no estudo, relações entre estratégias regionais de produção jornalística articuladas entre a posição no campo e o modo como cada veículo aciona referenciais de regionalidade.

Considerações finais

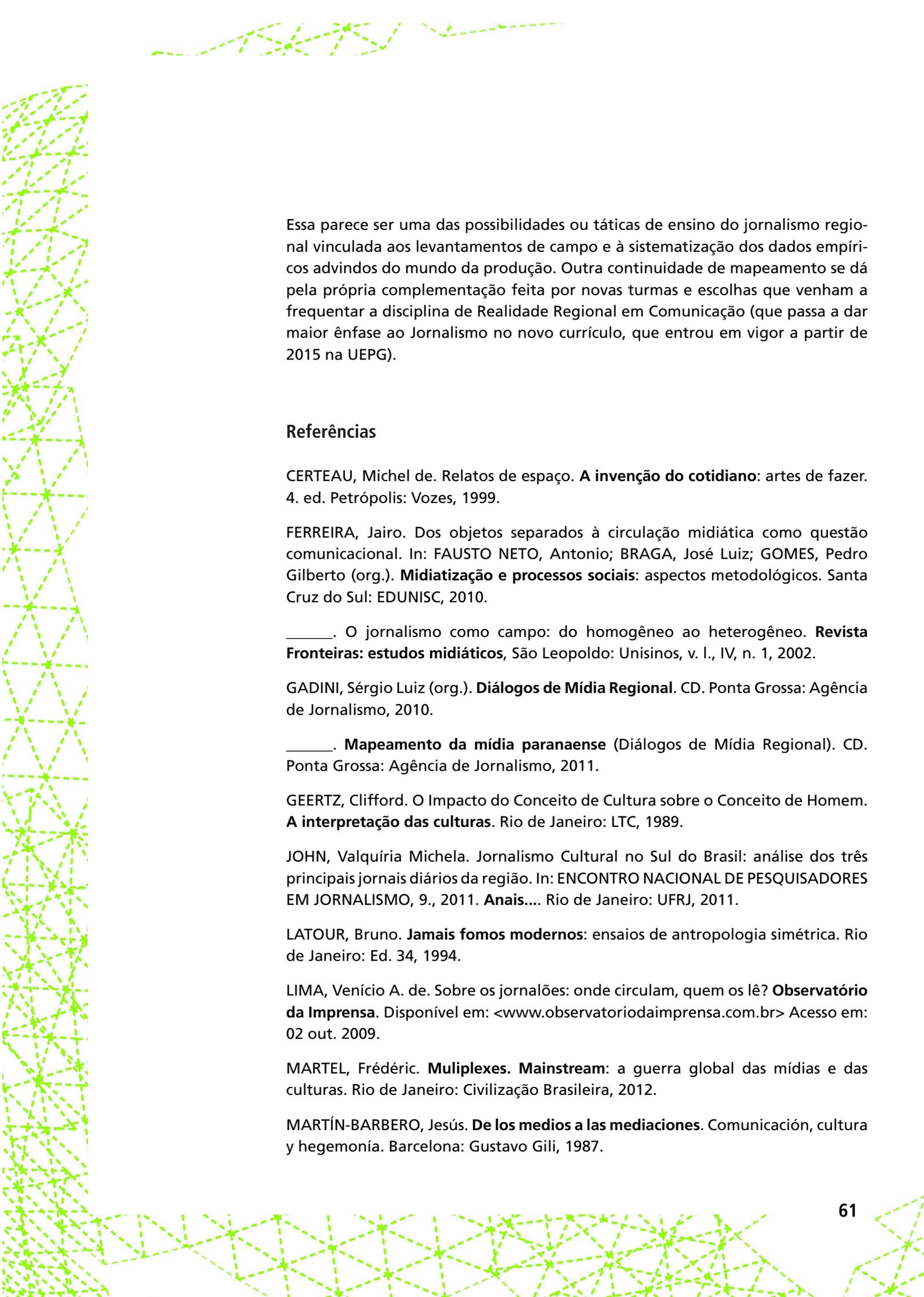
Entre os dados do levantamento empírico, destacam-se possibilidades de estudo e encaminhamentos de investigação da realidade regional em jornalismo com base em informações parciais de levantamentos sobre casos da imprensa no Paraná. A proposta é de se reconhecer as regionalidades presentes como estratégia múltipla em mídias locais, regionais e nacionais – isto é, como movimento, dinâmica, mais do que como nicho ou mercado.

Entende-se que o jornalismo regional em cenários de crise e de globalização também pode ser analisado pelo ângulo dos atravessamentos globais, nacionais, regionais e locais que instituem as práticas culturais contemporâneas – o que significa pensar o espaço e também a mundialização como transversalidade (ORTIZ, 1999).

Sustenta-se que a regionalidade se expresse tanto como circulação, território de pertencimento, singularidade temática quanto modo de produção. Sendo que o fenômeno, em geral, se processa em articulação à distribuição combinada e sempre desigual de capitais culturais e econômicos, contagiados por maior ou menor globalidade.

Conforme as indicações de pesquisa, percebe-se que existem inferências suficientes para maior investigação dos casos do jornalismo impresso paranaense pelo ângulo das regionalidades – e uma análise pontual sobre o caso pode perfilar melhor estratégias produtivas que se desenham nas tensões informativas, culturais, econômicas e políticas do jogo de forças globais, nacionais, regionais e locais.

Da aprovação das novas diretrizes curriculares em Jornalismo, em adaptação nos cursos de todo o País, espera-se que esse desvendar das estratégias metodológicas operadas por uma disciplina se torne, efetivamente, cada vez mais central à formação e também sugira possibilidades didáticas e de diálogos sobre mídia regional.



Essa parece ser uma das possibilidades ou táticas de ensino do jornalismo regional vinculada aos levantamentos de campo e à sistematização dos dados empíricos advindos do mundo da produção. Outra continuidade de mapeamento se dá pela própria complementação feita por novas turmas e escolhas que venham a frequentar a disciplina de Realidade Regional em Comunicação (que passa a dar maior ênfase ao Jornalismo no novo currículo, que entrou em vigor a partir de 2015 na UEPG).

Referências

CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERREIRA, Jairo. Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional. In: FAUSTO NETO, Antonio; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro Gilberto (org.). **Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

_____. O jornalismo como campo: do homogêneo ao heterogêneo. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo: Unisinos, v. I., IV, n. 1, 2002.

GADINI, Sérgio Luiz (org.). **Diálogos de Mídia Regional**. CD. Ponta Grossa: Agência de Jornalismo, 2010.

_____. **Mapeamento da mídia paranaense** (Diálogos de Mídia Regional). CD. Ponta Grossa: Agência de Jornalismo, 2011.

GEERTZ, Clifford. O Impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

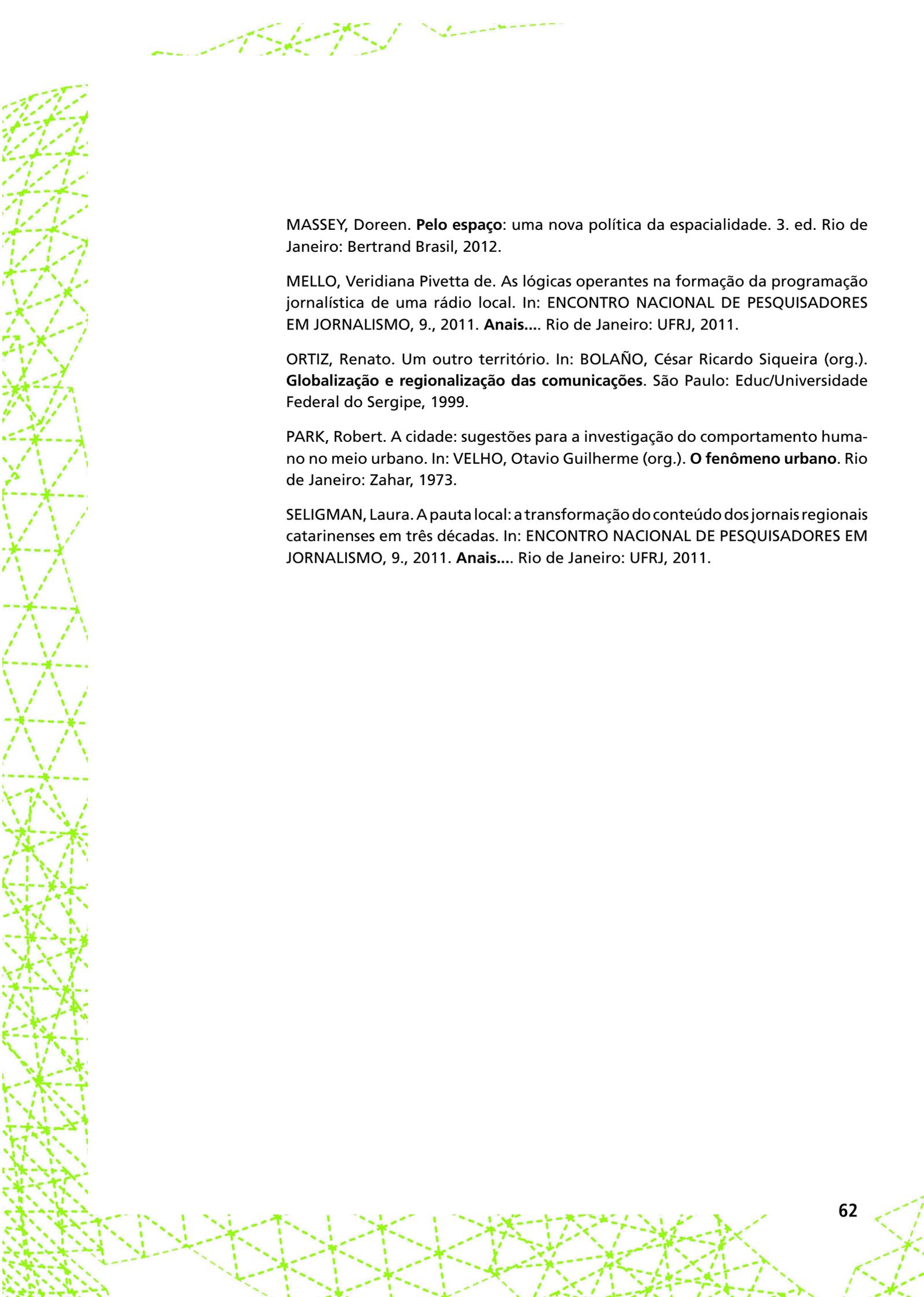
JOHN, Valquíria Michela. Jornalismo Cultural no Sul do Brasil: análise dos três principais jornais diários da região. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., 2011. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LIMA, Venício A. de. Sobre os jornalões: onde circulam, quem os lê? **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br> Acesso em: 02 out. 2009.

MARTEL, Frédéric. **Multiplexes. Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.



MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MELLO, Veridiana Pivetta de. As lógicas operantes na formação da programação jornalística de uma rádio local. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., 2011. **Anais....** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

ORTIZ, Renato. Um outro território. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (org.). **Globalização e regionalização das comunicações**. São Paulo: Educ/Universidade Federal do Sergipe, 1999.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otavio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SELIGMAN, Laura. A pauta local: a transformação do conteúdo dos jornais regionais catarinenses em três décadas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., 2011. **Anais....** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.